

MULTIFUNÇÃO



CARLOS CECCONELLO

No universo da música, muitas mulheres já conquistaram espaço e público fiel. Em alguns casos, conseguem, até mesmo, superar os "concorrentes" do sexo masculino. Mas, afóra essa rivalidade, todos buscam acompanhar e respeitar o trabalho do outro reciprocamente. E independentemente da região geográfica, do gênero ou instrumento tocado, formação e pensamento. Com **Vera Medina**, de 38 anos, tem sido assim. A multiinstrumentista, pesquisadora musical sedenta por informações e produtora começa a engatinhar no enorme mercado fonográfico brasileiro.

Ela acaba de lançar o disco *Resolution*, definido como uma série de concepções que tinha sobre o que poderia fazer como musicista. "Seja bossa nova, jazz, pop ou eletrônica, sempre mantenho o padrão atmosférico, que é minha característica", explica. "O CD é um conjunto de idéias diferentes, mas, ao ser ouvido como um todo, busca um único formato sonoro", completa. No total, 14 faixas compõem o álbum, que foram escolhidas por uma questão de "feeling" e gosto por composições recentes. A conciliação de timbres acústicos e eletrônicos utilizados no álbum foi um trabalho longo, segundo Vera, pois nem tudo combina. "Esse foi o grande desafio: juntar os dois de maneira que um não agredisse o outro. É um processo extenso e cansativo", esclarece.

A mistura de gêneros musicais sempre fez parte da vida de Vera, que não se limita a ouvir a mesma coisa para ter base para o trabalho. Escuta desde ópera até hardcore e drum'n'bass. Tantos ritmos foram descobertos

por meio de pesquisa. "Tenho uma coleção de dez mil discos e CDs, fora os DVDs", diz. Na área das teclas, suas principais influências foram Herbie Hancock, Bill Evans, Chick Corea, Debussy, Fauré e o brasileiro Tom Jobim. Ela conta que, apesar de conhecer muitos estilos, é necessário focar-se em alguns e especializar-se. "Por exemplo, estou concentrada na bossa nova e no jazz para estudar. Mas ouço e continuo a pesquisa eterna".

A artista começou a mostrar talento para piano com oito anos e, pouco tempo depois, se interessou pelo violão. Cinco anos mais tarde, aos 13, iniciou aulas de canto lírico com as melhores professoras de São Paulo, como Nancy Miranda e Cida Moreira. Também foi aluna de Jeff Gardner e Wilson Curia, professores que lhe deram um bom suporte. Depois de aprender instrumentos tradicionais e cantar, Vera descobriu como alterar o som com sintetizadores. O interesse foi tamanho, que investiu bastante nesses equipamentos: "Comprei todas as linhas existentes e cheguei aos mais caros da época. Foi uma grande mudança, pois criei ondas e timbres", conta.

Apesar da descoberta, a fase artística entre 22 e 28 anos foi vivida na noite, em que cantava com bandas. Durante esse período, surgiu a idéia de montar um home studio, em 1991, quando começaram a aparecer as workstations. "Mudei o padrão de synths puros para equipamentos em que havia a possibilidade de seqüenciar e ligar em computadores", lembra Vera. E não parou até os dias atuais. Foi ela quem produziu o próprio disco, além de ter tocado todos os instrumentos, exceto o baixo em algumas faixas. Apenas a fase de masterização foi feita fora de seu apartamento.

Mas o fato de ter o estúdio pessoal e ainda ser instrumentista, cantora e produtora facilita o trabalho, pois se leva menos tempo para alcançar o objetivo. "Prevejo antecipadamente o formato, penso no final e sei o que vai funcionar ou não. Se precisar, já reformulo no momento", afirma.

Ultimamente, a rotina de estudos com o teclado passa por ouvir uma música, tirá-la de ouvido, acertar o tom e entendê-la. Depois disso, tenta reconstruir os acordes para descobrir uma forma nova e fazer sua versão, mudando e arranjando o que considera interessante. Outra atividade tem sido as aulas de canto e de produção.

Nos próximos anos, Vera pretende lançar um livro de técnica vocal, retomar estudos aprofundados de teclado, jazz e lançar outro CD nos mesmos moldes do primeiro. Haverá participações pontuais, mas há alguns obstáculos, como o preconceito: "É difícil encontrar gente interessada em trabalho acústico misturado com eletrônico, e com a mesma 'vibe' (*risos*)", brinca. No entanto, alguns estão abrindo um pouco a cabeça e aceitam essa concepção com mais facilidade. "Pensam que estão quebrando o processo, mas é uma questão pessoal. Bandas como Portishead e Massive Attack fazem essa combinação".

A curiosidade acerca do sobrenome de Vera – Medina – faz muitas pessoas perguntarem se ela tem algum grau de parentesco com o tecladista do Los Hermanos, Bruno Medina, ou com o baterista Lael Medina. Mas não, eles não são parentes, o que também não impede fazer uma sugestão: "De repente, nós formamos uma família em banda, Os Medina (*risos*)".